

# OLHARES ETNOGRÁFICOS SOBRE O CORPO LGBTQIA+ NA “FEIRA DA BEIRA” DE ABAETETUBA

*Data de aceite: 01/03/2024*

**Betânia Farias Maués**

**Ingred da Silva e Silva**

**Sérgio Bandeira do Nascimento**

O local para as observações de nosso estudo é a principal feira livre na cidade de Abaetetuba, popularmente conhecida como “Beira” ou “Feira da Beira”. A cidade de Abaetetuba está localizada na Amazônia Paraense, mais especificamente na região do Baixo-Tocantins.

## INTRODUÇÃO

Sabemos que na atual conjuntura sócio cultural o corpo assume uma centralidade na expressão da individualidade e da estética do que se entende como “beleza” e “bem-estar” e os corpos que expressam a comunidade LGBTQIA+ estão presentes em todos os lugares, conquistando os seus espaços na afirmação de seus direitos, mesmo que

em minoria. Entretanto, ainda enfrentam graves problemas relacionados ao preconceito e discriminação, tornando-os indesejáveis em locais considerados predominantemente masculinos.

É evidente que as pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, não se encaixam nos padrões estabelecidos por determinados grupos sociais de raízes estruturalmente machistas, e por fugirem desse modelo de sociedade, são vítimas de discriminação e/ou sofrem algum tipo de violência, haja vista que, isso ocorre em qualquer ambiente, seja familiar, escolar, de trabalho e principalmente em locais públicos. Nenhum desses espaços está isento às retaliações aos “corpos periféricos”, como é o caso de pessoas LGBTQIA+. Esse fator contribui para que não tenham presença em determinados locais com maior fluxo de pessoas e em espaços públicos.

Este estudo decorre a partir de reflexões na disciplina Antropologia Educacional, como componente curricular do curso de Pedagogia da UFPA no

campus universitário de Abaetetuba. Apresentamos como temática principal a relação corpo LGBTQIA+ em um espaço público de nossa cidade, cujo objetivo é problematizar a ausência/presença desse Corpo a partir da feira Municipal de Abaetetuba. A problemática consiste na seguinte pergunta: como se estabelece a relação entre o Corpo LGBTQIA+ e o espaço constituído como a Feira da Beira na cidade de Abaetetuba a partir das discussões iniciais em sala de aula e em nossas observações *in loco*. Partindo da problemática apresentada, tomamos como embasamento teórico André (2008), Brandão (2007), Laraia (2001), Louro (2000), Mattos (2011), Silva (2000), Silva e Silva (2009) e outros.

No plano metodológico o estudo está respaldado na pesquisa de cunho qualitativa, que segundo Mattos (2011, p. 34), “utilizam-se recursos como: entrevistas (com perguntas abertas e fechadas), história de vida, entrevista oral, estudo pessoal, mapas mentais, estudos observacionais, observação participante ou não”. A coleta de dados é de caráter bibliográfico, visto que, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, Gil (2008, p.50). Também nos lançamos para uma estratégia de observação direta sobre o corpo desses indivíduos no espaço previamente definido na cidade de Abaetetuba, a Feira Municipal, popularmente chamada de beira. Para Gil (2008, p.100), “a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa”, sendo essa uma técnica que permitirá delinear várias etapas deste estudo, que incluem formular um problema, coletar dados e etc. Ressaltamos também que trabalhamos com iniciações para os estudos de base etnográfica. Para André (2008, p. 27), “é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade”.

O artigo está estruturado em cinco tópicos. O primeiro apresenta as considerações gerais acerca do estudo, por seguinte faz uma abordagem mais ampla quanto a comunidade LGBTQIA+ em espaços públicos e a relação do comportamento discriminatório que vivenciam em detrimento de sua identidade. Em terceiro ponto, tratamos sobre a experiência realizada durante a pesquisa de campo na feira municipal de Abaetetuba. O quarto tópico tratará as discussões teóricas realizados no decorrer da disciplina Antropologia Educacional para, em seguida, apresentamos as nossas considerações e alguns resultados obtidos nesta pesquisa.

## **A CONSTRUÇÃO DO CORPO LGBTQIA+**

O sujeito desde sua concepção de existência em sociedade já é predestinado ser menina ou menino, e é moldado a se comportar, vestir ou se padronizar de acordo com seu sexo, deste modo, este fato acaba afirmando a concepção de corpo dentro dos fatores biológicos.

No decorrer da história há uma série de fatores atrelados a construção do corpo e quanto ao corpo LGBTQIA+ essa construção passa por muitos movimentos de luta e resistência a um modelo binário e objetificado. Para Teixeira (2019, p.35) “[...] o movimento LGBTQIA+ surge historicamente como resposta à opressão e estigmatização dos corpos tidos como ‘clandestinos’”.

Segundo a Cartilha Inclusão e Direitos LGBTQIA+ publicada pela LBS Advogados e a Central Única dos trabalhadores (CUT), é reconhecido internacionalmente em 28 de junho, o orgulho LGBTQIA+. Essa data faz alusão a rebelião que ocorreu em *Stonewall Inn* - Nova Iorque, no ano de 1969. A rebelião foi um ato contra as frequentes formas de repressão que os gays sofriam em bares e outros lugares públicos da cidade. Este movimento foi de encontro a perseguição policial e também definiu a organização da 1º “Parada do Orgulho” que ocorreria no ano seguinte, em 1970.

Em contexto de Brasil, o movimento de luta da comunidade LGBTQIA+, segundo Teixeira (2019, p.36), “nasce a partir de uma onda de luta organizada que ocorria internacionalmente, sobretudo a partir da Revolta de *Stonewall*.”. A partir desse acontecimento, que impulsionou vários outros movimentos em favor da luta da comunidade LGBTQIA+, surgiram diversas identificações alocadas na atual sigla LGBTQIA+. De acordo com Bortoletto (2019, p. 10), a primeira colocação “nasceu primordialmente representada pela sigla GLS, que incluía unicamente os gays, as lésbicas e simpatizantes [...]”, além disso existiram outras incorporações, “Com a revelação de outras homossexualidades que ainda se mostravam distintas daquelas que eram representadas, novas siglas foram nascendo, novos termos e novos conceitos”. Ainda para esse autor,

Foi no ano de 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, que a letra “b”, de bissexuais, passou a fazer parte oficialmente da sigla, tal como foi onde ocorreu a conciliação de que a letra “t” passaria a referir igualmente aos indivíduos travestis, transexuais, e transgêneros dentro da comunidade. Posteriormente, a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) se tornaria a denominação oficial, conforme aprovada pela I Conferência Nacional GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Mesmo que uma decisão recente, a sigla continua em mudança. Nos meios de militância, ainda surgem novas letras para representar novas homossexualidades, como o “i” de intersex, o “q” de queer e o “a” de agêneros e assexuados. [...] existe a preferência pela sigla LGBTQIA+, que inclui as duas categorias anteriormente e o “+”, que vem a indicar a possibilidade da inclusão de novas homossexualidades (BORTOLETTO 2019, p.10-11).

Diante de toda contextualização da construção do corpo LGBTQIA+ nos deparamos com a reflexão que a realidade de conquistas que essa comunidade já vivenciou, são resultados de muitas lutas e reconstruções de pensamentos, esses foram somados tanto pelos movimentos ocorridos ao longo do tempo como em conjunto com direitos buscados e conquistados. Outro ponto a ser objeto de reflexão é que atualmente ainda observamos que a comunidade LGBTQIA+ vive reflexos de um país conservador, machista, preconceituoso

e intolerante, ao qual se registra recorde de agressões contra pessoas que se identificam como LGBTQIA+.<sup>1</sup>

Vale ressaltar que as expressões apresentadas anteriormente não deixam de ser uma classificação que abre discussões a respeito tanto de gênero quanto de identidade. Silva e Silva (2009, p. 166), explicam que gênero “considera uma categoria relacional, ou seja, gênero é entendido como estudo das relações sociais entre homens e mulheres, e como essas relações são organizadas em diferentes sociedades, épocas e culturas”. Ainda sobre essa questão, os autores ressaltam que nas relações entre homens e mulheres há distinção entre aquilo que se entende como “a esfera biológica, que é o sexo propriamente dito e suas características físicas, e a esfera social e cultural, que é a identidade de gênero. Assim, não há uma essência masculina ou uma essência feminina imutáveis e determinadas por características biológicas”.

Portanto, o corpo não pode ser percebido somente como um substrato do lugar de nascimento de um indivíduo, mas sim como reflexo de uma composição histórico-cultural que resiste aos processos de objetificação e opera deslocamentos socioterritorial.

## **CORPO E CULTURA PARA PROBLEMATIZAR A EDUCAÇÃO**

Um aspecto importante para se problematizar o corpo como objeto de nossa curiosidade epistemológica neste estudo, é justamente no sentido de pensá-lo como um componente cultural que faz parte de um meio social, neste sentido, para Laraia (2001, p.67), “a cultura, a principal característica humana, desenvolveu-se simultaneamente com o equipamento fisiológico do homem”.

Laraia (2001) reflete cultura pelos “determinismos” e como se pode pensar o conceito de cultura. Parte do determinismo biológico que está atrelado às diferenças genéticas e como essas não podem estar conectadas às disparidades culturais. Laraia (2001, p.19), ressalta que “mesmo as diferenças determinadas pelo aparelho reprodutor humano determinam diferentes manifestações culturais”. Para esse autor, a discussão sobre cultura está em contextualização mais ampla e mostra que a cultura determina também o olhar de mundo do homem. Para isto, Laraia (2001, p.67) afirma que “a nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade”, isto pode esclarecer a visão que temos sobre os “corpos diferentes”, que por não representarem o padrão imposto dentro de um determinado grupo social são discriminados. Laraia (2001, p.67) ainda complementa “por isto, discriminamos o comportamento desviante”.

---

<sup>1</sup> “o número de agressões contra LGBTQIA+ registradas no ano de 2021 foi de 1.719, um aumento de 35,2% em relação a 2020, quando foram registradas 1.271. Já o número de estupros passou de 95 para 179. (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/28/17-mil-lgbqia-foram-vitimas-de-agressoes-fisicas-em-2021-8-estados-nao-tem-dados-sobre-o-tema.ghtml>) (Fonte: G1. Acesso em 25.05.2023)

Outros autores como Silva e Silva (2009, p.85), que apresentam um verbete sobre cultura em um dicionário especializado, ressaltam que “cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. [...], é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica”. Conforme Silva e Silva (2009, p. 86), “cultura envolve todo cotidiano dos indivíduos”, ou seja, tudo a nossa volta está condicionado à elementos culturais (religião, educação, tradição, etc.).

O corpo, é percebido como uma condição natural para os seres vivos, porém, ao ser humano, esse corpo passa a ser o reflexo de condicionantes culturais e que passam por etapas de mudanças. Silva (2000, p. 30-31) expressa que o “corpo tem sido objeto de grande interesse na análise cultural contemporânea” e explica ainda que, “o corpo é considerado como substrato biológico naturalmente dado e inquestionável, em cima do qual se erguem, de forma separada e independente, os sistemas sociais e culturais de significados”.

Em algumas perspectivas pensadas sobre o corpo, se constitui a ideia do corpo sobre sua formação de diversos fatores. Intrinsecamente a cultura é o mais relevante, pois associamos à vários aspectos que nos remetem pensar o corpo culturalmente desenvolvido sobre a sociedade em que vivemos. Para tanto, Ribera (2017, p. 145) deixa claro quando expõe que, “[...] prefiro pensar e acreditar que os corpos são o resultado da ação, a construção social sobre a matéria primária [...]”, acrescenta ainda que “Esta ação social e cultural sobre os corpos naturais, é, na minha perspectiva, a forma mais acertada, pois permite definir o processo de construção, bem como a vivência do próprio corpo”.

Pensemos que, diante da configuração histórica e conceituada de corpo, o que pode definir o corpo de cada indivíduo, e, como a sociedade olha esse corpo de forma individual. Para responder a esses questionamentos, se faz necessário também estar ciente que em toda sociedade e/ou grupos sociais há lutas e classificações sobre o corpo, seja ele, individual ou coletivo. Ribera (2017, p. 163) afirma que “O corpo é um espaço de luta contra a imposição de sujeitos finalizados e produzidos externamente”, ou seja, o autor reitera o discurso da luta e resistência que o corpo enfrenta sobre aqueles que já são definidos e concretizados em sociedade.

Do mesmo modo, a discussão sobre a construção do corpo constitui o embate de definir uma identidade para o indivíduo, de tal forma que se possa ter confirmação de que o sujeito tenha uma predefinição do seu corpo e que tenha que aceitá-lo da forma que o corpo social lhe diz que é certo. No entanto, Louro (2000, p. 70) afirma que “as identidades são construídas na diferença”, complementa ainda que “O *locus* da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos”, (LOURO, 2000, p.71). Diante da afirmação, entende-se que a construção de identidade está intimamente atrelada ao corpo e assim, se (re) descobre o sujeito.

Partindo da (re) descoberta do sujeito, sabendo também que, o meio no qual ele está inserido contribui para sua formação de identidade, Laraia (2001, p.94) afirma que

“qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação”, porém, esses processos de modificação acontecem de forma diferente. Isto pode inclusive ser percebido a partir do movimento LGBTQIA+ que vem sofrendo constantes mudanças nas suas próprias definições, por estar surgindo novas identidades em relação a gênero, este processo afirma que a mudança ocorre de forma lenta e significativa.

Entretanto, a nossa proposição neste estudo é deslocar esse pensamento para outros campos de conhecimento, principalmente a partir dos pressupostos da Antropologia e o nosso campo de formação e estudos, a Educação. Deste modo, para Brandão (2007, p.139), “olhada desde o horizonte da antropologia, toda a educação é cultura”, tudo que envolve sistema de transmissão de conhecimentos, mesmo com suas particularidades de saber, fazem parte da construção cultural de uma sociedade. Brandão (2007, p.139), ressalta ainda que “estas construções históricas e cotidianas da cultura são: saberes, valores, códigos e gramáticas de relacionamentos entre diferentes categorias de atores culturais. [...]”. Esta própria construção histórica pode também está relacionada à comunidade LGTBQIA+, a qual percebeu-se que não apenas a nomenclatura em si está apta à construção, haja vista que o corpo LGBTQIA+ faz parte da categoria de atores culturais.

Se toda educação faz parte de um movimento cultural, ou está relacionada a isso, estamos propriamente designados a nascermos com bases culturais já construídas. Todo nosso desenvolvimento com a educação estará ligado também às questões sócios culturais. Brandão (2007, p.139), explica que, “qualquer estrutura intencional e agenciada de educação constitui uma entre outras modalidades de articulação de processos de realização de uma cultura, [...]”, ou seja, essas estruturas intencionais, como por exemplo, a feira municipal de Abaetetuba está articulada para a execução de sistemas culturais: trocas de saberes.

Isso nos faz refletir que, a cultura no desenvolvimento da educação, é a maneira que teremos para conhecer sua construção, e vivencia-la de modo que não a precisemos reproduzi-la, mas para que possamos estar de acordo para mudanças. O autor Brandão (2007, p.141) salienta, “para a antropologia todo o acontecimento da educação existe como um momento motivado da cultura. Mas toda a cultura humana é um fruto direto do trabalho da educação”. Portanto, refletimos a partir do exposto, que cultura e educação estão inteiramente ligadas e que uma intensa conexão de saberes na perspectiva de se pensar novas ou outras relações sócios culturais para além daqueles instituídas e “naturalizadas”.

## OLHARES SOBRE O CORPO LGBTQIA+ NA FEIRA DE ABAETETUBA

Em qualquer espaço social se estabelece modos de vivências que podem estar delimitados geograficamente. Normalmente, qualquer cidade faz parte ou é constituída por um agrupamento de sujeitos em espaços que configuram casas, comércios, feiras, espaços culturais, entre outras características que remete ao costume de vida da população. Em qualquer demarcação geográfica/territorial que compõem uma cidade, nos deparamos com as “feiras”, locais de grande aglomeração de pessoas e de diversidade cultural.

Atrelando a discussão de corpo à feira, que é um propósito para este estudo, percebemos que o espaço denominado de “Feira da Beira” ou “Beira”, pode ser potencializado para um ensaio sobre o corpo. É possível constatar que a feira é o espaço social onde mais se pode perceber o encontro de várias culturas, levando em consideração sua composição e suas características, pois é nesse local público que circulam vários corpos, gêneros, identidades, etc. A feira é também o lugar onde ocorre as variações comerciais que garantem a subsistência de grande parte da massa populacional de uma cidade.

Este espaço é chamado de “Beira” por estar localizado às margens do Rio Maratauíra. Para Barros (2009, p.153) “Abaetetuba é um município que tem forte ligação com as águas e, obviamente, o termo beira faz menção ao fato de a feira estar instalada na beira do rio, mas precisamente na margem esquerda do rio Maratauíra (ou Meruú)”. A beira de Abaetetuba é considerada uma feira livre e é dividida por várias repartições, entre elas está o Mercado de Peixe e o Mercado de Carne, assim como é subdividida por “outras feiras”, como, a “Feira do Açaí” e a “Feira da Farinha”.

Além de estar nesse local, a feira conta também com o comércio formal estabelecido em seu entorno, compondo um verdadeiro complexo constituído pelos mercados de peixe e de carne. Aglutinam-se a esse complexo lojas, farmácias, casas de umbanda, supermercados, lanchonetes e outros estabelecimentos (BARROS 2009, p.153).

Diante de toda essa estrutura e variedade de características, a “Beira” também se faz como ponto de interseção da cidade à zona rural e as inúmeras ilhas do município. Por estar à beira de um rio se percebe um grande fluxo de pessoas oriundas de cidades vizinhas, ilhas, comunidades ribeirinhas e quilombolas, e moradores da zona rural que é composta por ramais e estradas.

Foto 1 – A Feira da Beira



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) no ano de 2010, a população brasileira é constituída de 213.317.639 habitantes. A PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) 2019 indica que o número de mulheres no Brasil é superior à de homens. A população brasileira é composta por 48,2% de homens e 51,8% de mulheres. Porém, alguns dados nos mostram que existem outros grupos que estão para além dessa denominação binária, pois, segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) são cerca de 20 milhões de brasileiras e brasileiros (10% da população) que se identificam como pessoas LGBTQIA+.

No Pará a última pesquisa realizada pelo censo do IBGE no ano de 2010, a estimativa de habitantes era de 7.581.051 pessoas. Segundo o Anuário estatístico do Pará elaborado pela FAPESPA (Fundação Amazônia de Amparo e Estudos e Pesquisas) em 2018, a população masculina no ano de 2015 correspondia a 4.150.912 habitantes, já para sexo feminino havia um total de 4.024.244. Segundo o IBGE, o município de Abaetetuba é constituído de 141.100 habitantes, a Fapespa afirma que 76.696 pessoas constituem o gênero masculino e 73.158 são do gênero feminino. No entanto, não foi possível identificar dados atuais da quantidade de habitantes que se identificam como LGBTQIA+ no município de Abaetetuba, como também no Estado do Pará.

A presença de um corpo em determinado espaço nos remete aos seus atos e suas respectivas ações em transformação do mesmo e nos leva a pensar que tudo que ocorre na sociedade são apenas reflexos diários dessas ações e da mesma forma que a presença do corpo pode trazer um aspecto propositivo em relação ao lugar, a ausência

desse corpo também pode nos mostrar um cenário repleto de perguntas e incógnitas. Ao analisar os corpos que circulam na “Feira da Beira” de Abaetetuba, o que mais nos chama a atenção não são os diferentes tipos de pessoas, raças, idades, e sim, a ausência ou ainda a imperceptibilidade de pessoas que se identificam como LGBTQIA+.

Para fazer esta análise, foi realizada uma atividade de observação direta e registro, inclusive fotográfico, no dia 21 de outubro do ano 2022, as 08h30min, tendo como objetivo a identificação de diferentes corpos que frequentam o *lócus* de estudo, assim também, como observar as pessoas que constituem a feira, sejam trabalhadores dos mercados, vendedores ambulantes, consumidores, etc. Notamos que geralmente essas pessoas em maioria trabalhadores apresentam-se cedo na feira, principalmente as que fazem parte dos mercados de peixe, carne, assim como também as feiras de açaí e farinha, e que essas pessoas, em grande parte, são do sexo masculino. Constatamos ainda, que em meio a tantos rostos e corpos, a ausência da comunidade LGBTQIA+ é notória.

Ao percorremos e observamos atentamente o espaço da feira, conseguimos identificar certa divisão de tarefas e locais. Na “Feira da Farinha” e no “Mercado de Peixe” presenciamos um grande predomínio da presença masculina, já nas barracas de verduras e frutas notamos com mais frequência a presença de trabalhadoras do sexo feminino. No setor de vendas de lanches verificamos que geralmente são casais que dividem essa ocupação. No entanto, em nenhuma das áreas e setores da feira conseguimos observar a presença do corpo LGBTQIA+, porém sabemos que esses sujeitos se encontram presentes em outros espaços, entretanto, onde há maiores violências, repressão e/ou discriminação, podem estar menos presentes.

Essa invisibilidade do corpo LGBTQIA+ nos leva a refletir quais motivos contribuem para essa condição. Essa explicação pode estar associada ao grande preconceito e homofobia que esses corpos ainda enfrentam, principalmente em locais onde a maioria dos frequentadores é do sexo masculino e as práticas do machismo estrutural são mais evidentes. Isto também está fortemente atrelado às estruturas machistas que foram impostas na construção dos sujeitos, o que contribui para a discriminação da comunidade LGBTQIA+. Deste modo, a feira municipal de Abaetetuba por ser uma área ampla e aberta, com grande circulação de pessoas, torna-se um local desprovido de segurança pública por causa do pouco ou nenhum tipo policiamento e guarda municipal existente na área, este se torna um espaço passível a qualquer e todo tipo de discriminação ou agressão, seja ela física, moral, social, verbal e entre outros, tornando-os vulneráveis ao frequentar esses espaços.

Em contrapartida com a realidade observada na “Feira da Beira” e de um cenário adverso, temos em Abaetetuba a criação e organização de coletivos e eventos que promovem a diversidade, a valorização e o reconhecimento desses “corpos periféricos” ou que estão situados “a margem” de um centro imposto por uma “normatividade excludente” e que aqui situamos como objeto deste estudo. Lobato (2018, p. 3), sobre

essas expressividades na cidade de Abaetetuba desde os anos de 1970 até o presente momento, descreve esses eventos, como, “Baile Gala Gay; Parada do Orgulho Gay; Musa da Parada Gay; Dagaticadaga; Garota Carro do lixo; Musa dos jogos; Miss Junina Gay; Miss Verão Gay (antigo Noite dos Paetês); Miss Mundo Daga; Rainha das Performances Fashion (Drag Queen)”.

Esses inúmeros eventos mostram que a comunidade LGBTQIA+ na cidade de Abaetetuba há muito tempo busca visibilidade, valorização e respeito. Com a iniciativa da Comissão do Movimento Gay do Pará e de alguns membros da cidade, ocorreu no dia 09 de setembro de 2009, a primeira “Parada gay” de Abaetetuba, cujo tema foi “Se teu amor pode, por que o meu também não pode?”. Com o passar dos anos, o nome “Parada Gay” foi recebendo adesão de letras na sigla e passou por diversas outras nomeações como: Parada do Orgulho Gay, Parada LGBT, Parada LGBTQI+. Recentemente esse movimento em Abaetetuba ocorre entre os meses de agosto ou setembro, sem uma data fixa, e se chama Parada Orgulho LGBTQIA+.

A Parada Orgulho LGBTQIA+ no município tornou-se uma manifestação reivindicatória, que conta com atrações musicais e artísticas e busca através de políticas públicas combater a homofobia e lutar por respeito. Esse movimento marca também o encontro de gerações da comunidade LGBTQIA+, pois conta com os percussores do evento que há anos vem à frente da organização e pessoas que atualmente sentem mais liberdade de expor a sua sexualidade e se assumir como parte da comunidade LGBTQIA+. Assim, mostrando que dentro das comunidades ou grupos LGBTQIA+ em Abaetetuba não há exclusão quanto às lutas e que todos buscam garantir e ampliar os direitos e o exercício de sua cidadania, mesmo que em alguns lugares esses corpos ainda sofram restrição de sua exposição, como no caso do local que serviu de ponto de observação para nosso estudo.

## CONCLUSÃO

No processo de elaboração deste estudo lançamos nossos olhares de modo mais demorado e atentos sobre o corpo observado, que se caracteriza como o corpo LGBTQIA+ e notamos a sua ausência na principal feira da cidade de Abaetetuba, a popularmente conhecida “Feira da Beira”. Assim, esse local passa a ser percebido como um território de exclusão para alguns corpos que podem inclusive estar propensos à vários tipos de violência, além da falta de segurança que esses sujeitos podem sentir ao frequentar espaços de grande fluxo de pessoas, com muita probabilidade de serem alvos de discriminação e escárnio por conta de sua identidade de gênero.

Consideramos que a predominância de um público do sexo masculino, tanto entre aqueles que atuam em atividades de trabalho, como para os consumidores dos produtos ali comercializados, e, portanto, uma cultura do machismo arraigada naquele lugar, pode

ser um dos fatores que explicam a ausência de corpos de pessoas LGBTQIA+. Porém, vale ressaltar que mesmo o corpo de pessoas do sexo feminino, que representam a maioria da população, mesmo assim ainda se constituem como minoria naquele lugar, o que pode reforçar a proposição de que a “Feira da Beira” é um território de predomínio masculino.

Notamos que apesar da comunidade LGBTQIA+ ter mais visibilidade no que diz respeito aos seus direitos e organização de eventos que buscam quebrar barreiras do preconceito e discriminação na cidade de Abaetetuba, ainda existem situações desses corpos serem vítimas do olhar preconceituoso estigmatizado por alguns grupos sociais. Outro fator que causa essa insegurança para a comunidade LGBTQIA+ na feira da beira se dá pelo fato da falta de segurança pública no *locus* deste estudo.

Como se pôde ver, e sempre foi frisado do decorrer do estudo, a presença do corpo LGBTQIA+ não está marcado no espaço da feira, mas existem em outros locais que fazem parte da cidade, grupos LGBTQIA+ que buscam dá visibilidade e valorização a essa comunidade no município, como por exemplo, a Parada Orgulho LGBTQIA+. Esse movimento fermenta nosso estudo de que o corpo LGBTQIA+ embora não seja percebido na feira da beira, se faz presente em outros espaços, onde o preconceito não os impede de mostrar suas identidades. Isso é um forte indício que muitas lutas foram travadas e que o corpo LGBTQIA+ se apresenta como símbolo de luta e resistência em espaços sociais.

Entendemos a relação linear que a sociedade tem sobre a percepção de corpo, e que se faz necessário elaborar estudos mais recentes quanto ao corpo LGBTQIA+ e espaços diversificados e com suas especificidades, como por exemplo a feira. Este local apresenta uma diversidade cultural extremamente amplo de se relacionar a diversos eixos de pesquisa, principalmente à antropologia. Faz-se necessário também atenuar que são poucos os dados estatísticos que apresentam números quanto à comunidade LGBTQIA+, deste modo, colocando em questão a falta pesquisa quanto ao corpo LGBTQIA+ e implicando à coleta de dados no que diz respeito ao total de pessoas que atualmente se consideram pertencer a comunidade LGBTQIA+. Isso reflete que ainda há um pequeno caminho a percorrer quanto à visibilidade deste corpo.

Consideramos a abordagem deste estudo importante para nossa formação acadêmica no campo da educação, em particular na Pedagogia, visto que possibilitou a construção de pesquisa com foco no corpo atrelado a aspectos culturais e deixamos aberto este ensaio para continuidade, pois foram diversos outros fatores que surgiram ao longo da observação, pesquisa bibliográfica e coleta de dados que precisam ser estudados de forma contínua.

Talvez, o principal motivo desse corpo investigado se fazer cauteloso nesse espaço, principalmente durante o dia, seja pelo temor a várias formas de violências. Agora, algo deve ser pensado e problematizado para futuros estudos sobre o mesmo tema e o mesmo lugar e assim, finalizamos aqui com um questionamento para deixar a porta entreaberta... Será que esses corpos são tão ausentes naquele espaço em horários contrários ao movimento da feira livre, como no final de tarde e/ou durante a noite?

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E D. A. **Etnografia da prática escolar**. 14<sup>o</sup> edição. São Paulo: Papirus Ed., 2008.
- BARROS, FLÁVIO BEZERRA. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo vol.45, n. 2, 2009. p. 152-161
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. SOBRE TEIAS E TRAMAS DE APRENDER E ENSINAR: anotações a respeito de uma antropologia da educação. **Revista Inter Ação**: Goiânia, v. 26, n. 1, 2007.
- FAPESPA. **Estimativa preliminares elaboradas pelo Ministério da Saúde/SVS/CGIAE**. FAPESPA, 2018. Disponível em: [https://www.fapespa.pa.gov.br/sistemas/anuario2018/tabelas/demografia/tab\\_1.3\\_populacao\\_por\\_sexo\\_para\\_e\\_municipios\\_2011\\_a\\_2015.htm](https://www.fapespa.pa.gov.br/sistemas/anuario2018/tabelas/demografia/tab_1.3_populacao_por_sexo_para_e_municipios_2011_a_2015.htm)
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de trabalho e Rendimento, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínuas 2012-2019**.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14<sup>a</sup> edição - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- LOBATO, Heberton dos Santos. **FESTAS E SUJEITOS EM PERFORMANCE**: experiências artísticas de visibilidade social LGBT na cidade de Abaetetuba-PA. Anais do X Congresso ABRACE, vol. 19, nº1, 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. CORPO, ESCOLA E IDENTIDADE. **Educação & Realidade**: Porto Alegre, v.25 n.2, 2000.
- LOPES, A. F.M; SOARES, E. H.M; SOARES, A.R.; RORIZ, F. H.M; GIRELLI, M.C.; BARTHOLO, R. **Cartilha Inclusão e direitos LGBTQIA+**: não se limita apenas a levantar a bandeira do arco-íris durante o mês de junho. Brasília: LBS e CUT, 2022.
- MATTOS, C. L. G. **Estudos etnográfico da educação**: uma revisão de tendências no Brasil. Campina Grande, EDUEPB, 2011.
- REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTQIA+**. 2<sup>a</sup> edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.
- RIBERA, Jordi Planella. **CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO**. Tradução para o português: Maria José Vincentini Jorente, Natalia Nakano, Lais Alpi Landim. Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo, Editora Contexto, 2009.
- TEIXEIRA, Bruno Andrade. **O que pode um corpo LGBTQIA+?** Corpo, gênero e sexualidade a partir do movimento LGBTQIA+ em Marabá-PA (2008 a 2019) / Bruno Andrade Teixeira; orientador, Joseline Simone Barreto Trindade. – Marabá: [s.n.], 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Sul e Sudeste, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia Tocantins, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais, Marabá, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unifesspa.edu.br/handle/123456789/1714>. Acesso em: 17 maio, 2023.